

## Princípios da Filosofia ou a Monadologia

G.W.Leibniz

(T. = Teodicéia)

1. A Mônada, da qual vamos falar aqui, não é senão uma substância simples, que entra nos compostos. Simples, quer dizer, sem partes (T. § 10).
2. É necessário que haja substâncias simples, visto que há compostos; pois o composto outra coisa não é que um amontoado ou *aggregatum* dos simples.
3. Ora, onde não há partes, não há extensão, nem figura, nem divisibilidade possíveis. E tais Mônadas são os verdadeiros Átomos da Natureza e, em uma palavra, os Elementos das coisas.
4. Tampouco há dissolução a temer e não há como se conceber um modo pelo qual uma substância simples possa perecer naturalmente (T. § 89).
5. Pela mesma razão, não há modo pelo qual uma substância simples possa começar naturalmente, já que não pode ser formada por composição.
6. Portanto, pode dizer-se que as Mônadas só podem começar e acabar instantaneamente, isto é, que só podem começar por criação e acabar por aniquilamento, ao passo que o composto começa e acaba por partes.
7. Tampouco há meios de explicar como uma Mônada possa ser alterada ou modificada internamente por qualquer outra criatura, pois nada se lhe pode transpor, nem se pode conceber nela qualquer movimento interno que possa ser excitado, dirigido, aumentado ou diminuído lá dentro, tal como ocorre nos compostos, onde há mudança entre as partes. As Mônadas não possuem janelas através das quais algo possa entrar ou sair. Os acidentes não podem destacar-se, nem passear fora das substâncias, como faziam outrora as espécies sensíveis dos Escolásticos. Assim, nem substância, nem acidente podem entrar em uma Mônada a partir do exterior.
8. Todavia, as Mônadas precisam ter algumas qualidades, do contrário nem mesmo seriam entes. E se as substâncias simples não diferissem por suas qualidades, não haveria modo de apercebermos qualquer modificação nas coisas, já que aquilo que está no composto só pode vir de seus ingredientes simples, e se as Mônadas carecessem de qualidades, seriam indistinguíveis umas das outras, já que também não diferem em quantidade; e, conseqüentemente, suposto o pleno, cada lugar receberia sempre, no movimento, só o Equivalente do que antes havia tido, e um estado de coisas seria indiscernível de outro.
9. É mesmo necessário que cada Mônada seja diferente de qualquer outra. Pois nunca há, na natureza, dois seres que sejam perfeitamente idênticos e nos quais não seja possível encontrar uma diferença interna, ou fundada em uma denominação intrínseca.
10. Dou também por aceito que todo ser criado está sujeito à mudança, e, conseqüentemente, também a Mônada criada e inclusive que tal mudança é contínua em cada uma delas.

**11.** Segue-se, do que acabamos de dizer, que as mudanças naturais das Mônadas provêm de um princípio interno, posto que uma causa externa não pode influir em seu interior (T. §§ 396; 400).

**12.** Porém, também é necessário que, além do princípio da mudança, haja um detalhe daquilo que muda, que produza, por assim dizer, a especificação e a variedade das substâncias simples.

**13.** Este detalhe deve envolver uma multiplicidade na unidade ou no simples. Pois como toda mudança natural ocorre gradativamente, alguma coisa sempre muda e outra sempre permanece. Conseqüentemente, é necessário haver uma pluralidade de afecções e relações na substância simples, embora ela não possua partes.

**14.** O estado transitório que envolve e representa uma multiplicidade na unidade, ou na substância simples, outra coisa não é senão o que se denomina Percepção, que se deve distinguir da apercepção ou da consciência, como adiante se verá. Nisto é que os cartesianos se equivocaram ao desconsiderarem as percepções que não são apercebidas. Isso também os conduz a crer que apenas os Espíritos são Mônadas e que não há Almas dos Irracionais nem outras Enteléquias, e a confundir, com o vulgo, um prolongado atordoamento com a morte no sentido estrito, o que, novamente, os conduz erroneamente ao preconceito escolástico das Almas completamente separadas e mesmo a confirmar a crença da mortalidade das almas pelos espíritos mal orientados.

**15.** A ação do princípio interno que provoca a mudança ou a passagem de uma percepção a outra, pode ser denominada Apeição. É verdade que o apetite não pode sempre alcançar completamente toda a percepção à qual tende, mas sempre obtém alguma coisa, chegando a percepções novas.

**16.** Nós próprios experimentamos uma multiplicidade na substância simples, quando verificamos que o menor pensamento do qual nos apercebemos envolve uma variedade no objeto. Portanto, todos aqueles que reconhecem que a Alma é uma substância simples, devem reconhecer essa multiplicidade na Mônada. E Bayle não deveria, nisto, ter encontrado dificuldade alguma, como encontrou em seu Dicionário, no artigo *Rorarius*.

**17.** Ademais, deve-se confessar que a Percepção e aquilo que dela depende é inexplicável por razões mecânicas, isto é, por figuras e movimentos. Imaginando-se que há uma máquina cuja estrutura a faça pensar, sentir e perceber, poder-se-á, guardadas as mesmas proporções, concebê-la ampliada de sorte que se possa nela entrar como em um moinho. Admitido isso, lá não encontraremos, se a visitarmos por dentro, senão peças impulsionando-se umas às outras, e nada que explique uma percepção. Portanto, essa explicação deve ser procurada na substância simples e não no composto ou na máquina. Por isso, na substância simples não se pode encontrar nada além disso: percepções e suas modificações. Também só nestas podem consistir todas as Ações internas das substâncias simples.

**18.** Poder-se-ia dar o nome de Enteléquia a todas as substâncias simples ou Mônadas criadas, pois contêm em si uma certa perfeição ( *échousi tò entelés* ); e têm uma suficiência ( *autárkeia* ) que as torna fontes de suas ações internas e, por assim dizer, Autômatos incorpóreos (T. § 87).

**19.** Se quisermos denominar Alma a tudo aquilo que possui percepções e apetites no sentido geral que acabo de explicar, todas as substâncias simples ou Mônadas criadas poder-se-iam denominar Almas. Mas, como o sentimento é algo mais que uma simples percepção, concordo que o nome geral de Mônadas e Enteléquias é suficiente para as substâncias simples que só possuem esta percepção e que se denominem Almas somente aquelas cuja percepção é mais distinta e acompanhada de memória.

**20.** Pois experimentamos em nós mesmos um estado no qual não nos recordamos de nada e não possuímos qualquer percepção distinta, como quando caímos desfalecidos ou quando sucumbimos em um sono profundo sem sonho. Neste estado a alma não difere sensivelmente de uma simples Mônada; mas, como este estado não é duradouro e a alma dele emerge, ela é alguma coisa mais (T. § 64).

**21.** Disto absolutamente não se segue que a substância simples exista sem qualquer percepção. Isto é mesmo impossível, pelas razões anteriormente mencionadas; pois nem poderia perecer, nem mesmo subsistir sem alguma afecção, que outra coisa não é que sua percepção. Porém, quando há uma grande quantidade de pequenas percepções onde nada há de distinto, fica-se atordoado, do mesmo modo quando damos, continuamente, muitas voltas em um mesmo sentido, daí sobrevindo uma vertigem que nos pode fazer desmaiar e que não nos permite distinguir coisa alguma. Por um tempo, a morte pode dar este estado aos animais.

**22.** E como todo estado presente de uma substância simples é naturalmente uma continuação de seu estado anterior, assim também o presente está prenhe do futuro (T. § 360).

**23.** Portanto, posto que despertada do atordoamento, [as substâncias simples] apercebe-se das suas percepções, é necessário havê-las tido imediatamente antes, embora sem percebê-las na ocasião; pois uma percepção não pode naturalmente provir senão de uma outra percepção, assim como um movimento não pode provir senão de um movimento.

**24.** Donde se vê que, se nada tivéssemos de distinto e, por assim dizer, elevado e de um mais alto gosto em nossas percepções, permaneceríamos em constante atordoamento. E este é o estado das Mônadas nuas.

**25.** Vemos, também, que a Natureza dotou os animais de percepções elevadas, pelos cuidados que teve em dotá-los de órgãos que recolham vários raios de luz ou várias vibrações de ar, para os tornar mais eficazes pela sua união. Há algo semelhante no olfato, no paladar, no tato e, quiçá, em muitos outros sentidos que nos são desconhecidos. Em breve explicarei como o que ocorre na Alma representa o que acontece nos órgãos.

**26.** A memória fornece uma espécie de Consecução às Almas, que imita a razão, mas que dela deve distinguir-se. É o que vemos quando os animais, tendo a percepção de alguma coisa que os incomoda e de que antes tiveram uma percepção semelhante, aguardam, pela representação de sua memória, que ocorra outra coisa que esteve unida à percepção anterior e se sentem impelidos a experimentar os mesmos sentimentos que experimentaram anteriormente. Por exemplo, se a um cachorro mostra-se um pau, recorda-se da dor que causou, late e corre (T. Disc. preliminar § 65).

**27.** A imaginação forte, que os incomoda e agita, provém quer da magnitude quer do número das percepções precedentes. Pois, freqüentemente, uma impressão forte produz subitamente o efeito de um velho hábito ou o de muitas percepções fracas reiteradas.

**28.** Os homens agem como os irracionais na medida em que as conseqüências de suas percepções apenas se executam com base na memória, assemelhando-se a médicos empíricos, que só possuem a prática sem a teoria. E somos exclusivamente empíricos em três quartas partes das nossas ações. Por exemplo: quando se espera que haja dia amanhã, age-se como Empirista, pelo fato de que, sempre, até hoje, ter sido assim. Só o astrônomo julga segundo a razão.

**29.** Mas o conhecimento das verdades necessárias e eternas é o que nos distingue dos simples animais e nos faz possuidores da Razão e das ciências, nos elevando a um conhecimento de nós mesmos e de Deus. É isto que, em nós, denomina-se Alma Racional ou Espírito.

**30.** É ainda pelo conhecimento das verdades necessárias e pelas suas abstrações que somos elevados aos atos de reflexão, que nos fazem pensar no que se chama o Eu e a considerar que isto ou aquilo está em nós. E assim, ao pensar em nós mesmos, pensamos no Ser, na Substância, no simples e no composto, no imaterial e mesmo em Deus, concebendo como aquilo que em nós é limitado, n'Ele é sem limites. E tais atos de reflexão nos dão os objetos principais de nossos raciocínios (T. prefácio 27 4 a).

**31.** Nossos raciocínios fundamentam-se em dois grandes princípios: o da contradição, em virtude do qual consideramos falso o que envolve contradição, e verdadeiro aquilo que é oposto ou contraditório ao falso (T. §§ 44; 169).

**32.** E o de Razão suficiente, em virtude do qual consideramos que nenhum fato possa ser tomado como verdadeiro ou existente, tampouco nenhum Enunciado [ser considerado] verdadeiro, sem que haja uma razão suficiente para que assim seja e não de outro modo, ainda que, na maioria das vezes, essas razões não possam ser conhecidas por nós (T. §§ 44; 196).

**33.** Também há dois tipos de Verdades: as de Razão e as de Fato. As verdades de Razão são necessárias e seu oposto é impossível; e as de Fato são contingentes e seu oposto, possível. Quando uma verdade é necessária pode encontrar-se-lhe a razão por meio da Análise, decompondo-a em idéias e verdades mais simples, até alcançar as primitivas.

**34.** É assim que entre os matemáticos, os Teoremas de especulação e os Cânones da prática são reduzidos pela análise a Definições, Axiomas e Postulados.

**35.** E há, enfim, idéias simples, cuja definição não se pode dar; há também Axiomas e Postulados ou, em uma palavra, princípios primitivos que não podem ser provados e que, aliás, não têm necessidade disto; são os Enunciados idênticos, cuja oposição envolve uma contradição expressa.

**36.** Mas a razão suficiente deve encontrar-se também nas verdades contingentes ou de fato, isto é, na seqüência das coisas dispersas pelo universo das Criaturas, em que a resolução em razões particulares poderia alcançar um número ilimitado de detalhes, por causa da variedade imensa das coisas na Natureza e da divisão dos corpos ao infinito.

Há uma infinidade de figuras e de movimentos presentes e passados que entram na causa eficiente do meu [ato] presente de escrever; e há uma infinidade de pequenas inclinações e disposições de minha alma, presentes e passadas, que entram na causa final (T. §§ 36; 37; 44; 45; 49; 52; 121; 122; 337; 340; 344).

**37.** E como todo este detalhe só envolve outros contingentes anteriores ou mais detalhados, cada um dos quais necessita, ainda, uma Análise semelhante para lhe dar a razão, não nos encontramos mais avançados; e é preciso que a razão suficiente ou última esteja fora da seqüência ou séries deste detalhe das contingências, ainda que seja infinita.

**38.** E, assim, a razão última das coisas deve estar em uma substância necessária, na qual o detalhe das mudanças só esteja eminentemente, como em sua origem; e isto é o que denominamos Deus (T. § 7).

**39.** Ora, sendo esta substância uma razão suficiente de todo este detalhe, que também está vinculado em toda parte, só há um Deus e esse Deus é suficiente.

**40.** Podemos também julgar que essa substância suprema, que é única, universal e necessária, nada havendo fora dela que lhe seja independente, e que é uma simples consequência do ser possível, deve ser incapaz de limites e há de conter tanta realidade quanto possível.

**41.** Disto se segue que Deus é absolutamente perfeito, não sendo a perfeição outra coisa senão a grandeza da realidade positiva tomada de forma precisa, excluindo-se os limites ou restrições nas coisas que os têm. E onde não há limites, ou seja, em Deus, a perfeição é absolutamente infinita (T. prefácio 27 4 a; T. § 22).

**42.** Segue-se, também, que as criaturas devem suas perfeições à influência de Deus, mas suas imperfeições à sua própria natureza, incapaz de ser sem limites. Pois nisto é que se distinguem de Deus. Essa imperfeição original das criaturas observa-se na inércia natural dos corpos.

**43.** Também é verdade que em Deus está não só a fonte das existências, mas, também a das essências, enquanto reais, ou do que há de real na possibilidade. Isto porque o Entendimento de Deus é a Região das verdades eternas ou das idéias de que elas dependem, e que sem ele nada haveria de real nas possibilidades e não só nada haveria de existente, mas ainda nada de possível (T. § 20).

**44.** É necessário que se há uma realidade nas Essências ou possibilidades ou, então, nas verdades eternas, esta realidade esteja fundada em algo existente e atual; e, por conseguinte, na existência do Ser necessário, em que a Essência contém a existência ou no qual é suficiente ser possível para ser atual (T. §§ 184; 189; 335).

**45.** Assim, só Deus (ou o Ser Necessário) possui este privilégio: se Ele é possível, tem de existir. E como nada pode impedir a possibilidade daquilo que não tem quaisquer limites, qualquer negação e, por conseguinte, qualquer contradição, isto é suficiente para que conheçamos *a priori* a existência de Deus. Nós a demonstramos também pela realidade das verdades eternas. Mas acabamos, também, de prová-la *a posteriori*, posto

que existem seres contingentes, os quais não podem ter sua razão última ou suficiente senão no ser necessário, que tem em si mesmo a razão de sua existência.

**46.** Todavia, não se deve imaginar, com alguns, que sendo as Verdades Eternas dependentes de Deus, sejam elas arbitrárias e dependam de Sua vontade, como parece haver pensado Descartes e, depois dele, o senhor Poiret. Isso só é verdadeiro com relação às verdades contingentes, cujo princípio é a conveniência ou a escolha do melhor; ao passo que as verdades necessárias dependem unicamente do entendimento divino e constituem o seu objeto interno (T. §§ 180; 184; 185; 335; 351; 380).

**47.** Assim, apenas Deus é a unidade primitiva, ou substância simples originária da qual todas as Mônadas criadas ou derivadas são produções, e nascem, por assim dizer, por Fulgurações contínuas da Divindade de momento em momento, limitadas pela receptividade da criatura, à qual é essencial ser limitada.

**48.** Há em Deus a Potência que é a fonte de tudo; a seguir, o Conhecimento, que contém o detalhe das idéias; e, por último, a Vontade, que efetua as mudanças ou produções segundo o princípio do melhor. E é isto que corresponde ao que, nas Mônadas criadas, constitui o sujeito ou a base, a Faculdade perceptiva e a Faculdade Apetitiva. Porém, em Deus estes atributos são absolutamente infinitos ou perfeitos; e nas Mônadas criadas ou nas Enteléquias (ou *perfectihabies*, como Hermolaus Barbarus assim traduziu esta palavra), só são imitações proporcionais à perfeição nelas contida (T. §§ 7; 87; 149; 150).

**49.** Diz-se que a criatura age exteriormente na medida em que possui perfeição; e que padece de uma outra na medida em que é imperfeita. Assim, atribui-se a Ação à Mônada enquanto tem percepções distintas; e paixão enquanto as tem confusas (T. § 32; 66; 386).

**50.** E uma Criatura é mais perfeita do que outra quando nela se encontra aquilo que proporciona a razão *a priori* do que se passa na outra, e por isso se diz que ela age sobre a outra.

**51.** Porém, nas substâncias simples não há senão uma influência ideal de uma Mônada sobre outra, que não pode ter efeito a não ser por intervenção de Deus, enquanto que, nas Idéias de Deus, uma Mônada sollicita, com razão, que Deus, ao regular as outras desde o começo das coisas, a considere. Pois, já que uma Mônada criada não pode ter uma influência física no interior de outra, só por esse meio uma pode estar dependente da outra (T. §§ 9; 54; 65; 66; 201; abregé obj 3).

**52.** E é por isso que entre as Criaturas as Ações e Paixões são mútuas. Pois Deus, comparando duas substâncias simples, encontra em cada uma delas razões que o obrigam a acomodá-las uma à outra e, por conseguinte, o que é ativo sob certos aspectos, é passivo sob outro ponto de vista: ativo enquanto o que nele se conhece distintamente serve para explicar o que se passa em outro; e passivo enquanto a razão do que nele se passa, se encontra no que se conhece distintamente em outro.

**53.** Ora, como há uma infinidade de Universos possíveis nas Idéias de Deus e apenas um único pode existir, tem de haver uma razão suficiente da escolha de Deus, que o determina a um em vez de outro (T. §§ 8; 10; 44; 173; 196 ss; 225; 414-416).

**54.** E esta razão só pode encontrar-se na conveniência ou nos graus de perfeição que esses Mundos contêm, cada possível tendo o direito de pretender a Existência em proporção à perfeição que envolver (T. §§ 74; 130; 167; 201; 350; 352; 345 ss; 354).

**55.** E esta é a causa da Existência do melhor, que Deus conhece pela Sua sabedoria, escolhe pela Sua bondade e produz pelo Seu poder (T. §§ 8; 78; 80; 84; 119; 204; 206; 208; obj. 1; obj. 8).

**56.** Ora, este vínculo ou esta acomodação de todas as coisas criadas a cada uma e de cada uma a todas as outras, faz com que cada substância simples tenha relações que exprimem todas as outras e seja, por conseguinte, um perpétuo espelho vivo do universo.

**57.** E assim como uma mesma cidade, observada de diferentes lados, parece outra e se multiplica em perspectivas, assim também ocorre que, pela quantidade infinita de substâncias simples, parece haver outros tantos universos diferentes, os quais não são, todavia, senão perspectivas de um só, segundo os diferentes pontos de vista de cada Mônada.

**58.** E este é o meio de se obter tanta variedade quanto possível, mas com a maior ordem, ou seja, é o meio de obter tanta perfeição quanto se possa.

**59.** Também só esta hipótese – que ousou dizer demonstrada – exalta, como é devido, a grandeza de Deus. Isto o senhor Bayle reconheceu quando formulou objeções em seu Dicionário – artigo *Rorarius* – onde ficou mesmo tentado a crer que eu concedia demasiado a Deus, e mais do que é possível. Porém, não pôde alegar nenhuma razão pela qual essa harmonia universal, que faz com que toda substância exprima exatamente todas as outras pelas relações nelas contidas, fosse impossível.

**60.** Vêem-se, no que acabo de dizer, as razões *a priori* pelas quais não podem as coisas suceder de outro modo. Pois Deus, ao regular o todo, levou em conta cada parte e especialmente cada Mônada, cuja natureza, sendo representativa, nada poderia limitar a representar de apenas uma parte das coisas, embora seja verdade que esta representação é confusa apenas nos detalhes de todo universo, e não pode ser distinta senão em uma pequena parte das coisas, ou seja, naquelas que são as mais próximas ou as maiores, com relação a cada Mônada; de outro modo, cada Mônada seria uma Divindade. As Mônadas são limitadas não no objeto, mas na modificação do conhecimento do objeto. Todas, confusamente, tendem para o infinito, para o todo; porém, são limitadas e diferenciadas pelos graus das percepções distintas.

**61.** E os compostos, nisto, simbolizam os simples. Pois como tudo é pleno, o que torna toda a matéria ligada, e como no pleno todo movimento produz algum efeito sobre os corpos distantes, proporcional à distância, de tal sorte que cada corpo é afetado não somente pelos que o tocam e se ressentem, de certo modo, de tudo o que lhes acontece, mas também por meio deles se ressentem dos que tocam os primeiros, pelos quais é imediatamente tocado; segue-se que esta comunicação transmite-se a qualquer distância. E, por conseguinte, todo corpo se ressentem de tudo que se faz no universo, de tal modo que aquele que tudo vê poderia ler em cada um o que se faz em toda parte e até o que foi ou será feito, observando no presente o que está afastado tanto nos tempos como nos lugares; *symponia panta* ( tudo conspira ), dizia Hipócrates. Porém, uma alma não pode

ler em si mesma senão aquilo que está nela representado distintamente, e não poderia subitamente desenvolver todas as suas dobras, pois vão ao infinito.

**62.** Assim, embora cada Mônada criada represente todo o universo, representa mais distintamente o corpo que particularmente lhe está afeto e de que constitui a Enteléquia; e como este corpo exprime todo o universo, pela conexão de toda a matéria no pleno, a alma representa também todo o universo ao representar esse corpo que lhe pertence de modo particular (T. § 400).

**63.** O corpo pertencente a uma Mônada, que é a sua Enteléquia ou Alma, constitui com a Enteléquia o que se pode denominar um vivente, e com a Alma, aquilo que se pode denominar um Animal. Ora, este corpo de um vivente ou de um Animal é sempre orgânico, pois, sendo toda Mônada um espelho do universo, a seu modo, e achando-se o universo regulado numa perfeita ordem, tem de haver também uma ordem no representante, ou seja, nas percepções da alma, e, por conseguinte, no corpo, através do qual o universo está representado [na alma] (T. § 403).

**64.** Assim, cada corpo orgânico de um vivente é uma espécie de Máquina divina ou um Autômato Natural, que excede infinitamente todos os Autômatos artificiais. Porque uma máquina feita pela arte humana não é máquina em cada uma das suas partes. Por exemplo, o dente da roda de latão possui partes ou fragmentos que já não são, para nós, algo artificial nem possui nada característico de máquina com relação ao uso a que a roda estava destinada. Porém as Máquinas da Natureza, ou seja, os corpos vivos, são ainda máquinas nas suas partes mínimas, até ao infinito. Nisto consiste a diferença entre a Natureza e a Arte; ou seja, entre a Arte Divina e a nossa.

**65.** E o Autor da Natureza pôde praticar este divino e infinitamente maravilhoso artifício porque cada parte da matéria não só é divisível ao infinito, como reconheceram os antigos, senão que está atualmente subdividida sem fim, cada parte em partes, cada uma delas tendo um movimento próprio. De outro modo seria impossível que cada porção da matéria pudesse exprimir todo o universo (T. Disc. Preliminar. § 70; T. § 195).

**66.** Por onde se vê que há um mundo de criaturas, de viventes, de Animais, de Enteléquias, de Almas nas mínimas partes da matéria.

**67.** Cada porção da matéria pode ser concebida como um jardim repleto de plantas e como um lago repleto de peixes. Porém, cada ramo de planta, cada membro de animal, cada gota de seus humores é ainda um jardim ou um lago.

**68.** E embora a terra e o ar, interpostos entre as plantas do jardim, ou a água interposta entre os peixes do lago, não sejam planta nem peixe, contêm, não obstante, algo deles; porém, quase sempre com uma sutileza a nós imperceptível.

**69.** Assim não há nada inculto, estéril e morto no universo; nem caos, nem confusão, senão em aparência; mais ou menos como em um lago, a certa distância, se veria um movimento confuso e, por assim dizer, uma agitação de peixes, sem que se discernissem os próprios peixes (T. prefácio 40; 44 [\*\*\* 5b; \*\*\*\* b]).

**70.** Vê-se, pois, que cada corpo vivo tem uma Enteléquia dominante, que no animal é a Alma; porém, os membros desse corpo vivo estão cheios de outros viventes, plantas, animais, cada qual, ainda, com sua Enteléquia ou sua alma dominante.

**71.** Porém não se deve imaginar, como fazem alguns que interpretaram mal meu pensamento, que cada alma possui uma massa ou porção de matéria própria, ou a ela vinculada para sempre e que possui, por conseguinte, outros viventes inferiores destinados sempre ao seu serviço. Pois todos os corpos estão em um fluxo perpétuo, como os rios, e partes neles entram e saem continuamente.

**72.** Assim, a alma só muda de corpo pouco a pouco e gradativamente, tanto que nunca é despojada subitamente de todos os seus órgãos; freqüentemente há Metamorfose nos animais, porém, nunca Metempsicose nem Transmigração das Almas; nem tampouco há Almas inteiramente separadas, nem Gênios sem corpos. Só Deus está inteiramente desprovido de qualquer corpo (T. §§ 90; 124).

**73.** É o que faz, também, com que nunca haja nem geração inteira nem morte perfeita, no sentido estrito da separação da alma. E o que denominamos Gerações são desenvolvimentos e acréscimos, e o que denominamos Mortes são envolvimento e diminuições.

**74.** Os filósofos têm tido grandes embaraços diante da questão da origem das formas, Enteléquias ou Almas; porém hoje, quando se apercebeu, por investigações exatas realizadas em plantas, insetos e animais, que os corpos orgânicos da natureza nunca são produtos de um Caos ou de uma putrefação, mas sempre de sementes, nas quais havia, sem dúvida, certa preformação, julgou-se que não só o corpo orgânico nelas se encontrava antes da concepção, como também já havia uma alma nesse corpo e, em uma palavra, o próprio animal. E que, por meio da concepção, este animal foi apenas disposto a uma grande transformação para se tornar um animal de outra espécie. Vê-se mesmo algo semelhante fora da geração, como quando as larvas se tornam moscas e as lagartas, borboletas (T. prefácio 40 ss; T. §§ 86; 89; 90; 187; 188; 397; 403).

**75.** Os animais, alguns dos quais são elevados ao grau de animais maiores por meio da concepção, podem denominar-se espermáticos; porém, os que permanecem em sua espécie, isto é, a maior parte deles, nascem, multiplicam-se e são destruídos como os grandes animais, e só um pequeno número de eleitos passa para um teatro maior.

**76.** Mas isto é somente meia verdade; pois julguei que se o animal nunca começa naturalmente, tampouco acaba naturalmente e não só jamais haverá geração, como tampouco destruição completa, nem morte, no sentido rigoroso. E estes raciocínios, feitos *a posteriori* e extraídos das experiências, concordam perfeitamente com meus princípios deduzidos *a priori*, como acima (T. § 90).

**77.** Assim pode-se afirmar que não só a Alma (espelho de um universo indestrutível) é indestrutível, mas também o próprio animal, ainda que freqüentemente sua máquina pereça parcialmente e abandone ou tome despojos orgânicos.

**78.** Estes princípios deram-me meios de explicar naturalmente a união, ou melhor, a conformidade da Alma e do corpo orgânico. Segue a alma suas próprias leis e o corpo também as suas, e se ajustam em virtude da harmonia pré-estabelecida entre todas as

substâncias, pois todas elas são representações de um mesmo universo (T. prefácio 36 [\*\*\* 6]; T. §§ 340; 352; 353; 358).

**79.** As almas agem segundo as leis das causas finais, por apetições, fins e meios. Os corpos agem segundo as leis das causas eficientes ou dos movimentos. E ambos os reinos, o das causas eficientes e o das causas finais, são harmônicos entre si.

**80.** Descartes reconheceu que as almas não podem conferir força aos corpos, porque há sempre a mesma quantidade de força na matéria. Todavia, acreditou que a alma podia mudar a direção dos corpos. Isto porque, em seu tempo, ainda não se conhecia a lei da natureza segundo a qual se conserva a mesma direção total na matéria. Se Descartes a conhecesse, cairia no meu Sistema da Harmonia pré-estabelecida (T. prefácio 44; T. §§ 22; 59-61; 63; 66; 345; 346 ss; 354-355).

**81.** Este sistema faz com que os corpos atuem como se (embora seja impossível) não houvesse Almas; as almas, como se não houvesse corpos; e ambos, como se um influísse no outro.

**82.** Quanto aos Espíritos ou Almas racionais, embora eu acredite que no fundo há o mesmo em todos os viventes e animais, como acabamos de dizer (a saber: que o animal e a Alma não começam senão com o mundo e só com o mundo acabam), há, entretanto, isto de particular nos animais racionais: que seus pequenos animais espermáticos, enquanto são apenas isto, têm só almas ordinárias ou sensitivas; porém, desde que aqueles, os eleitos, por assim dizer, alcançam, mediante concepção atual, a natureza humana, suas almas sensitivas são elevadas ao grau da razão e à prerrogativa dos Espíritos (T. §§ 91; 397).

**83.** Entre outras diferenças que há entre as almas ordinárias e os Espíritos, algumas das quais já indiquei, há esta outra: que as Almas em geral são espelhos vivos ou imagens do universo das criaturas; porém, os Espíritos são, ainda, imagens da própria Divindade ou do próprio Autor da Natureza, capazes de conhecer o sistema do Universo e de imitar algo dele através de amostras arquitetônicas, sendo cada espírito como uma pequena divindade em seu domínio (T. § 147).

**84.** Isto é que torna os Espíritos capazes de entrar em uma espécie de Sociedade com Deus. E que Deus, em relação a eles, está não só como um inventor para sua máquina (como Deus está em relação às outras criaturas) mas ainda como um príncipe está com relação aos seus súditos e mesmo como um pai para seus filhos.

**85.** Donde facilmente se conclui que a reunião de todos os Espíritos deve compor a Cidade de Deus, isto é, o mais perfeito estado possível sob o mais perfeito dos Monarcas.

**86.** Esta cidade de Deus, esta Monarquia verdadeiramente universal, é um Mundo Moral no Mundo Natural e o que de mais elevado e mais divino há nas obras de Deus. E nisto consiste, verdadeiramente, a glória de Deus, pois Ele nunca a teria, se Sua grandeza e bondade não fossem conhecidas e admiradas pelos Espíritos; é também com relação a esta cidade divina, que Ele tem propriamente bondade, ao passo que Sua sabedoria e Seu poder em tudo se manifestam.

**87.** Como estabelecemos acima uma Harmonia perfeita entre dois Reinos Naturais, um das causas Eficientes, outro das Finais, devemos notar aqui, ainda, uma outra harmonia entre o reino físico da Natureza e o Reino Moral da Graça, isto é, entre Deus considerado como Arquiteto da Máquina do universo e Deus considerado como Monarca da Cidade divina dos Espíritos (T. §§ 62; 74; 112; 118; 130; 247; 248).

**88.** Esta harmonia faz com que as coisas sejam conduzidas à graça pelos próprios caminhos da natureza e que este globo, por exemplo, deva ser destruído e reparado pelas vias naturais nos momentos requeridos pelo governo dos Espíritos, para o castigo de uns e a recompensa de outros (T. §§ 18 ss; 110; 244-245; 340).

**89.** Pode-se dizer, ainda, que Deus como Arquiteto em tudo satisfaz a Deus como Legislador. E, assim, os pecados devem carregar consigo sua penitência, em relação à ordem da natureza e em virtude da estrutura mecânica das coisas; da mesma forma que as belas ações atraem suas recompensas por vias mecânicas, com relação aos corpos, ainda quando isto não possa nem deva acontecer sempre imediatamente.

**90.** Enfim, sob este governo perfeito, não haverá boa Ação sem recompensa, nem má sem castigo; e tudo deve resultar para o bem dos bons, quer dizer, dos que não estão descontentes neste grande Estado, dos que confiam na providência, após haver cumprido com seu dever e que amam e imitam, como é devido, o Autor de todo bem, alegrando-se na contemplação de suas perfeições segundo a natureza do puro amor verdadeiro, que nos faz ter prazer com a felicidade do amado. Isto é o que faz trabalhar as pessoas sábias e virtuosas em tudo quanto parece conforme à vontade divina presuntiva ou antecedente, e contentarem-se, todavia, com aquilo que Deus faz acontecer efetivamente, por Sua vontade secreta, conseqüente e decisiva, reconhecendo que se pudéssemos compreender bem a ordem do Universo, acharíamos que ele excede todos os anseios dos mais sábios e que é impossível torná-lo melhor do que é, não só para o todo em geral, mas ainda para nós mesmos em particular, se estamos vinculados, como devemos, ao Autor de tudo, não só como Arquiteto e causa eficiente do nosso ser, mas também como nosso Mestre e causa final, que deve constituir toda a meta de nossa vontade e que só nos pode trazer a felicidade (T. Prefácio 27, 28; T. §§ 134 *in fini* ; 278).